



NO CORRE

— CAPÍTULO I —

Nova Horizonte

A favela Nova Horizonte tinha vida própria. O dia mal começava e já tinha som de pagode misturado com pancadão saindo das caixas, o cheiro de gordura dos espetinhos na brasa se misturando com o diesel dos ônibus lotados descendo a ladeira, os gritos dos moleques jogando bola no campinho de terra, as minas fofocando na porta do salão, e as viaturas passando devagar, de vidro fechado, olhando tudo com aquela cara de quem já escolheu quem vai enquadrar mais tarde.

Era ali que Eduardo "MC Dêdê" da Cruz nasceu e cresceu. Ali que aprendeu a correr da polícia antes de aprender a escrever, que viu os amigos sumirem pro sistema ou pro cemitério, e que segurava o sonho no peito igual os camelô seguram o isopor na praia: com força, porque qualquer vacilo e ele escorria pelo meio dos dedos.

Só que agora, o pouco que ele tinha estava prestes a ir pro ralo.

Ele caminhava chutando uma latinha amassada, o olhar perdido. O sol rachava o asfalto, e o vapor quente fazia os barracos parecerem tremeluzir. No fundo, lá longe, as torres de vidro dos prédios de luxo lembravam que existia um outro mundo, um mundo que não era pra ele.

O funk era sua única chance de atravessar aquela fronteira invisível. Mas agora até isso estavam tentando arrancar dele.

MC Ratão, um bosta que nunca escreveu uma linha de verdade na vida, tinha roubado sua música. Não era só um som. Era a história dele. A vida dele. E agora tava tocando na rádio, nos baile, nos stories das mina, nos canal de fofoca. Ratão fechando show, assinando contrato, e ele?

Ele com cara de otário.

Parou na esquina da vendinha do Seu Elias. Os pivete soltavam pipa, as mina riam na porta do salão da Dona Márcia. Tudo seguia normal, mas dentro dele, tudo parecia prestes a explodir.

Só um cara podia entender.

Ítalo Ferreira.

A casa de Ferreira ficava no alto do morro, perto da caixa d'água. Pequena, simples, mas era dele. Depois de anos naquela vida errada, segurando ferro e correndo da morte, ele conseguiu sair. Conseguiu construir alguma coisa.

Na TV, o jornal falava sobre política, mas ele nem prestava atenção. Matheus, seu filho de três anos, brincava no chão da sala com um carrinho de plástico. Raíssa, sua esposa, estava na cozinha, batendo panela, preparando o almoço. Ferreira tava ali, sentado na poltrona, mas sua mente tava longe.

A vida tava calma. Normal.

Normal até demais.

Ele respirou fundo. Tava grato por ter conseguido sair do crime, por estar ali, vivo, criando o filho. Mas tinha algo dentro dele que não se apagava. Uma inquietação. Um vazio que, por mais que ele tentasse esconder, ainda tava lá.

A porra da saudade.

Não do corre, não da treta, não da morte rondando. Mas daquela adrenalina. Daquele respeito. Daquela sensação de ser alguém que ninguém passava por cima.

As batidas fortes na porta tirou ele do transe.

— Ítalo! Abre aí, mano!

Dentro da casa, Ferreira ergueu o olhar do sofá, onde estava sentado. Raíssa, na cozinha, parou de mexer na panela e olhou pra ele. Não precisou falar nada. O jeito que arqueou a sobrancelha já dizia tudo: *quem é?*

Ferreira bufou, passou a mão no rosto e se levantou.

Assim que abriu a porta, deu de cara com Dêdê. O moleque tava tenso, suado, com aquele brilho de raiva no olhar. Ferreira já conhecia bem aquele olhar.

— Preciso trocar uma ideia contigo.

Ele olhou pro lado, pro fundo da rua, como se alguém pudesse estar observando. Depois, entrou sem esperar convite.

Ferreira fechou a porta devagar e se virou.

Dêdê já tava na sala, respirando fundo, como se estivesse tentando se acalmar antes de explodir. Ele olhou pro pequeno Matheus, que ainda brincava no tapete, e depois pra Ferreira.

— Dá pra gente falar a sós?

Ferreira olhou pro filho e depois pra cozinha.

— Raíssa, leva o Matheus lá pro quarto rapidinho?

Raíssa olhou de um pro outro, demorou um segundo, mas assentiu. Pegou o filho no colo e sumiu pelo corredor.

Ferreira voltou a encarar Dêdê.

— Fala.

Dêdê jogou as mãos na cabeça, nervoso.

— Mano, tão me fazendo de otário.

Ferreira cruzou os braços.

— O que aconteceu?

Dêdê respirou fundo e soltou tudo de uma vez:

— Ratão roubou minha música, truta. Roubou na cara dura. Lançou antes de mim, tá bombando, fechando show, ganhando grana. E eu? Eu tô aqui, na merda, assistindo ele fazer nome com o meu som.

Ferreira fechou os olhos por um segundo.

— Tu tem certeza que foi ele que pegou?

Dêdê riu de nervoso.

— Mano, certeza absoluta. Eu mostrei a prévia pra um produtor da Brisa Records. Dias depois, Ratão solta a mesma porra de letra. Coincidência? Cê acha que sou otário?

Ferreira esfregou o rosto.

— E tu veio aqui pra quê? O que tu quer que eu faça?

Dêdê avançou um passo.

— Eu quero que tu me ajude.

Ferreira bufou, impaciente.

— Ajudar como, Eduardo? Tu quer que eu vá lá trocar ideia com os caras? Tu sabe com quem tá mexendo?

— Foda-se quem eles são.

— Não, caralho! Não é foda-se. Essa porra não é brincadeira. A Brisa Records é só fachada, tu sabe disso, né?

Dêdê passou a mão no rosto, frustrado.

— E daí? Vamo só deixar os cara fazer o que quiser? Eles podem roubar minha música e eu que tenho que ficar quieto?

Ferreira olhou bem no olho dele.

— Sim.

Dêdê ficou parado por um segundo, processando a resposta. Depois, soltou um riso incrédulo.

— É isso então? Eu me fodo e tu acha que eu tenho que aceitar?

Ferreira suspirou.

— A vida não é justa, moleque.

— Porra, Ferreira! Tu já viveu isso! Tu sabe como é ser passado pra trás! Vai me dizer que nunca quis justiça? Nunca quis fazer alguma coisa?

Ferreira desviou o olhar. Sim, ele já quis. E foi isso que quase acabou com a vida dele.

Antes que pudesse responder, Raíssa apareceu na porta do corredor.

— Ítalo.

Ferreira olhou pra ela.

— Me dá um minuto, Dêdê.

Dêdê jogou os braços pro alto.

— Ah, mano, tu tá de brincadeira.

Ferreira ignorou e seguiu Raíssa até o quarto de Matheus.

Assim que a porta se fechou, Raíssa cruzou os braços e olhou firme pra ele.

— Não, Ítalo. Não mesmo.

Ferreira bufou.

— Eu não vou fazer nada.

— Mas tá escutando ele. Tá deixando ele te puxar de volta pra essa merda.

— Raíssa, ele é meu irmão.

— E a gente? Eu e o Matheus?

Ferreira ficou em silêncio.

Raíssa balançou a cabeça.

— Se tu meter a mão nessa história, tu sabe o que vai acontecer. A facção vai pensar que tu tá voltando pro jogo. Eles não vão deixar barato.

Ferreira fechou os olhos.

— Eu sei.

— Então vai lá e fala isso pra ele. Mas não deixa margem pra dúvida.

Ele respirou fundo.

— Vou.

Ferreira voltou pra sala.

Dêdê tava sentado no sofá, de cabeça baixa, os cotovelos apoiados nos joelhos. Quando Ferreira entrou, ele ergueu o olhar.

— E aí?

Ferreira ficou de pé, braços cruzados.

— Não vou te ajudar.

O silêncio na sala pesou.

Dêdê piscou algumas vezes, tentando entender.

— Cê nem pensou, mano. Tu foi lá falar com a Raíssa e voltou assim?

Ferreira ficou firme.

— Foi exatamente isso que eu fiz.

— Tu virou um cara que precisa de autorização agora, é isso?

— Não é questão de autorização. É questão de responsabilidade. Eu tenho uma família. Eu tenho um filho.

— E eu tenho um sonho, mano. Um sonho que tão roubando de mim e tu tá de braço cruzado.

Ferreira olhou fixamente pra ele.

— Então faz outro som.

Dêdê riu, balançando a cabeça.

— Tu acha que é assim, né? Só fazer outro. Mano, eu passei semanas escrevendo aquela porra. Tu não entende porque tu nunca sonhou com essa merda.

— Entendo mais do que tu pensa.

— Não, mano. Tu entende outra parada. Tu sabe o que é perder tempo preso, sabe o que é ter que olhar por cima do ombro. Mas tu não sabe o que é ser moleque e ver tua única chance ser arrancada na tua frente.

Ferreira respirou fundo.

— E mesmo assim, eu tô te dizendo pra esquecer isso.

Dêdê se levantou, encarando ele.

— Cê mudou, mano.

Ferreira sustentou o olhar.

— Mudei.

Dêdê balançou a cabeça.

— Que se foda então. Eu resolvo sozinho.

E saiu, batendo a porta.

Ferreira fechou os olhos.

Ele sabia.

Sabia que aquela conversa não terminava ali.

— CAPÍTULO II —

Caralho, moleque...

A noite havia caído sobre a Nova Horizonte, mas a quebrada nunca dormia. As ruas estreitas ainda pulsavam com a vida de sempre: crianças jogando bola descalças, grupos de moleques soltando fumaça no ar, motos estalando no asfalto quente. Mas Dêdê não via nada disso. Sua mente estava num só lugar.

A Brisa Records.

O prédio se destacava na paisagem humilde da quebrada. Três andares de vidro fumê e concreto, protegido por uma grade preta e um portão eletrônico. Os holofotes iluminavam a entrada, onde dois seguranças estavam encostados, conversando de boa. O letreiro brilhava em vermelho sobre a fachada: BRISA RECORDS – O SOM DA RUA.

O som que tinham roubado dele.

Dêdê se escondeu na esquina, respirando pesado.

Ali, na penumbra entre dois postes, ele enfiou a mão dentro da calça e puxou o ferro que roubou de Ferreira. O peso da arma era diferente do que ele imaginava. Frio. Pesado. Letal.

Seu coração batia tão forte que parecia que todo mundo podia ouvir. Ele tentou engolir seco, mas a garganta tava travada.

— *Caralho...* — murmurou pra si mesmo.

Ele olhou de novo pra Brisa Records. Era só ir até lá, botar medo no Ratão, tomar o que era dele de volta. Fácil. Rápido. Mas por que ele tava suando frio?

A mão tremeu.

Dêdê nunca tinha feito aquilo antes. Nunca tinha segurado uma arma de verdade, só visto nos filmes e nas músicas.

Será que eu tenho coragem?

Ele fechou os olhos. Inspirou. Tentou pensar na humilhação, no ódio, na injustiça.

Mas outra coisa veio na mente.

Ferreira.

A cara dele, a voz dele dizendo: "*Deixa essa porra pra lá, Eduardo.*"

Dêdê rangeu os dentes e engatilhou a arma.

Ele não ia deixar nada pra lá.

Mas então, por que as pernas não se moviam?

Por que parecia que ele tava pisando na beira de um precipício, prestes a cair?

Enquanto isso, a alguns quarteirões dali, Ítalo Ferreira ria.

A risada sincera de um homem que, por alguns minutos, esquecia de tudo.

Ele tava deitado no tapete da sala, segurando Matheus nos braços. O moleque tentava escapar, rindo alto, enquanto o pai enchia o rosto dele de beijos.

— Vai fugir pra onde, pivete? Hein? Vai fugir? Tá preso na teia do Homem-Aranha agora! Matheus gargalhava, se contorcendo.

— Nãoooo, papai! Eu sou o Hulk! Eu sou fortão!

Ferreira soltou ele de leve, fingindo que tava com medo.

— Ih, então ferrou! O Hulk é muito forte! Vou ter que correr!

Se levantou de um pulo e começou a fingir que corria pela sala, enquanto Matheus tentava agarrar a perna dele.

Raíssa, do sofá, assistia tudo com um sorriso no rosto.

Ferreira olhou pra ela, ofegante.

— Tá vendo? O moleque já quer me bater. Daqui uns anos vai querer me expulsar de casa.

Raíssa riu.

— Deixa de ser besta.

Ferreira pegou Matheus no colo de novo, segurando ele firme contra o peito.

Ali, naquele momento, ele se sentia completo. Aquilo era tudo o que ele sempre quis.

Um filho, uma casa, uma vida tranquila.

A rua já tinha tentado tirar isso dele antes. Mas ele conseguiu escapar. E não ia voltar.

Mas então, algo mudou.

Do nada, um arrepio subiu pela espinha de Ferreira.

O sorriso sumiu do rosto. O coração bateu diferente.

Raíssa percebeu na hora.

— Que foi?

Ferreira franziu a testa.

— Não sei...

Era aquela sensação.

Aquela merda de sensação.

Algo tava errado.

Ele olhou ao redor, como se esperasse ver alguma coisa fora do lugar. Tudo parecia normal. Mas não era normal.

Ferreira botou Matheus no chão e foi direto pro quarto.

Abriu o armário, puxou a gaveta de roupas.

O sangue gelou.

A arma não tava lá.

Por um segundo, ele travou. Mas então, a ficha caiu.

Só uma pessoa podia ter pego.

— Filho da puta! — rosnou, fechando a gaveta com força.

Saiu do quarto a passos pesados.

Raíssa levantou, preocupada.

— O que foi? O que tá acontecendo?

Ferreira já tava pegando o casaco.

— Eduardo.

— O que tem ele?

Ele olhou pra ela com um olhar que dizia tudo.

Raíssa levou a mão à boca.

— Não...

Ferreira respirou fundo.

— Vou buscar esse moleque antes que ele faça merda.

Abriu a porta e saiu correndo pela rua.

O coração martelava.

Se Dêdê já tinha chegado na Brisa Records, podia ser tarde demais.

A moto de Ferreira rasgava as ruas da Nova Horizonte. O motor roncava alto, mas o barulho parecia distante na cabeça dele. Tudo o que importava era encontrar Dêdê antes que ele fizesse uma cagada irreversível.

A quebrada passava borrada pelos olhos dele. O boteco do Fumaça, os barracos empilhados, a praça onde cresceu jogando bola. Ferreira não via nada disso. Só via o moleque na esquina da Brisa Records, segurando um ferro que ele nunca deveria ter tocado.

Assim que virou a última rua, ele viu.

Dêdê tava ali, meio escondido na penumbra, segurando a arma junto ao corpo como se ela queimasse na mão dele. O moleque parecia congelado, olhando pro prédio como quem olha pro abismo.

Ferreira parou a moto bruscamente, desceu sem nem desligar o motor.

— Caralho, moleque...

Dêdê se virou num pulo, apontando a arma por reflexo. Mas assim que viu Ferreira, abaixou.

Ferreira andou até ele com um olhar pesado, o maxilar travado. Não tava puto só pelo fato do moleque ter roubado a arma. Tava puto porque sabia onde isso ia dar.

— Tá fazendo o quê aqui, Eduardo?

O tom era de irmão mais velho. Não de bronca, não de grito, mas de realidade.

Dêdê tentou falar, mas as palavras não saíam.

Ferreira olhou a arma na mão do moleque.

— Me dá isso.

Dêdê segurou firme.

— Não.

Ferreira deu um passo pra frente.

— Me dá essa porra, Dêdê. Antes que tu faça uma merda que não tem volta.

Dêdê respirava rápido. Os olhos estavam vermelhos, o peito subia e descia.

— Eles roubaram minha música, Ferreira! Tu não tá entendendo, mano! Essa era minha chance, meu corre, meu nome, meu sonho! Esse filha da puta do Ratão pegou o que era meu e jogou na pista antes de mim, mano! Agora ninguém vai saber que foi eu que escrevi!

Ferreira apertou os lábios e balançou a cabeça devagar.

— E aí? Tu acha que o que resolve isso é vir aqui e sair atirando? Hein? Tu acha que tua vida é filme, Eduardo? Que vai meter uma de Scarface, resolver na bala e depois sair cantando hit no palco? Acorda, caralho!

Dêdê sentiu a raiva subir.

— E o que tu quer que eu faça, então? Fique quieto? Aceite essa porra? Que nem tu aceitou tua vida de merda depois que largou a rua?

Ferreira travou a mandíbula.

— Olha bem no meu olho, Eduardo. Eu sou um cara de merda?

O tom foi seco, frio. Dêdê hesitou.

Ferreira se aproximou mais um passo.

— Sou um cara de merda, Dêdê?

Dêdê abaixou o olhar.

Ferreira continuou.

— Porque foi isso que eu escolhi pra minha vida. Largar esse bagulho aqui. Tu acha que se eu resolvesse as coisas no tiro, eu ainda tava aqui? Se eu resolvesse tudo no ódio, eu ainda tava vivo? Essa porra de vida tem consequência, moleque! E eu só tô de pé porque aprendi isso antes que fosse tarde!

Dêdê sentiu o nó na garganta apertar.

Ferreira esticou a mão.

— Me dá a arma. Agora.

Dêdê segurou mais firme, mas a mão tremia.

Ferreira suavizou o tom.

— Tu não é isso, Eduardo. Tu não é matador. Tu não é bandido. Tu é um moleque talentoso pra caralho, que escreve umas letra que faz a quebrada inteira se arrepiar. Tu vai jogar tudo isso no lixo porque um arrombado roubou tua música? Tu vai estragar tua vida porque tá com raiva?

Os olhos de Dêdê começaram a encher de lágrimas.

— É meu sonho, Ferreira... — a voz veio falhada. — É meu sonho, mano. Eu só queria minha chance...

A arma caiu no chão.

O moleque caiu junto.

Desabou no meio-fio e começou a chorar.

Ferreira agachou do lado dele e botou a mão na cabeça do garoto, puxando ele contra o peito.

— Chora, irmão. Chora essa porra toda. Mas depois a gente vai resolver essa fita do jeito certo.

Dêdê soluçava, a cara escondida no peito do amigo. Ferreira passou a mão na cabeça dele, olhando pra Brisa Records como se estudasse o próximo passo.

— Levanta. Vamos entrar lá.

Dêdê olhou pra ele, surpreso.

— O quê?

Ferreira se levantou e puxou o moleque pelo braço.

— Vamos entrar lá e resolver essa porra. Mas do meu jeito.

Dêdê limpou os olhos com a manga da camisa e assentiu.

Os dois atravessaram a rua em direção à Brisa Records.

— CAPÍTULO III —

Vamo Ligar a Final

A porta da Brisa Records abriu devagar, sem pressa, mas o peso que entrou por ela era de quem já conhecia o caminho.

Ferreira veio na frente, passos calmos, firmes. Dêdê ao lado, tentando parecer tão confiante quanto o irmão mais velho, mas o peito ainda carregava o peso da raiva e do desespero.

Os seguranças na entrada nem questionaram. Já conheciam Ferreira. Sabiam quem ele era, o que já tinha feito, e principalmente o que ele podia fazer. Um deles até moveu o braço na intenção de dizer alguma coisa, mas antes que a voz saísse, Ferreira apenas assentiu com a cabeça e disse:

— Satisfação.

Eles abriram espaço.

Dêdê sentiu o coração disparar. Ferreira parecia um rei voltando ao trono, andando pela gravadora como se fosse dono daquele espaço. E de certa forma, ele já tinha sido.

A música alta tremia as paredes. Dentro do estúdio principal, Ratão tava gravando. A cabine de vidro refletia as luzes da mesa de som onde Fabrício Rocha, o produtor, e DK, o DJ, tavam sentados ajustando os beats.

E foi aí que Dêdê sentiu o estômago revirar.

A batida que saía dos alto-falantes era dele. A letra que Ratão cuspiu no microfone era dele. A mesma métrica, os mesmos versos que ele tinha passado noites escrevendo, que ele tinha colocado cada linha com a verdade da favela, com a dor dele.

E agora aquele filha da puta tava ali, cantando como se fosse dele.

O ódio subiu, e Dêdê deu um passo à frente, pronto pra arrombar aquela porra de cabine e partir pra cima. Mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, Ferreira jogou um braço na frente dele.

— Calma.

Dêdê olhou pra ele, puto.

— Ferreira, não tem calma, mano! O cara tá cantando minha música!

Ferreira olhou fundo nos olhos dele.

— Confia.

Foi só uma palavra. Mas foi o suficiente pra Dêdê respirar fundo e engolir a raiva.

Ferreira virou pro estúdio e chamou, alto, sem medo:

— Aí, Rocha!

O produtor levantou a cabeça, surpreso. DK parou de mexer nos controles. Ratão, lá dentro da cabine, interrompeu a gravação e olhou na direção deles.

O silêncio pesou.

Rocha franziu a testa.

— Ferreira? Que que cê tá fazendo aqui, irmão?

Ferreira cruzou os braços e sorriu de canto, mas sem humor.

— Vim resolver um bagulho.

O olhar de Rocha passou pra Dêdê. Ele percebeu a cara do moleque, a tensão na respiração dele. Rocha era um cara esperto. Sabia quando um problema tinha acabado de entrar na sala.

— Que fita é essa, mano?

Dêdê deu um passo à frente, o sangue fervendo.

— Que fita? Cês tão mesmo perguntando que fita? Esse lixo roubou minha música e tá gravando como se fosse dele!

Ratão bufou dentro da cabine, tirou os fones e saiu.

— Qual foi, pivete? Tá chapando? Desde quando essa porra é tua?

Ferreira nem se mexeu. Só ficou ali, parado, observando.

Dêdê apertou os punhos.

— Desde o dia que eu escrevi cada linha dessa música, arrombado.

Rocha olhou pra Ratão.

— Que porra é essa, Ratão? Essa música é tua ou do moleque?

Ratão riu, debochado.

— Essa porra é minha, Rocha. Peguei a inspiração das ruas, igual todo mundo faz. E outra, quem registrou primeiro? Eu. Então é minha.

Dêdê sentiu o sangue subir.

Ferreira tocou o ombro dele, quase imperceptível, mas foi o suficiente pra segurar o moleque.

Rocha suspirou, passou a mão no rosto.

— Mano... — ele olhou pro DK, que desviou o olhar, claramente desconfortável. — Tu acha que ainda manda alguma coisa aqui, irmão?

Ferreira olhou pra ele sem expressão.

— Ninguém tá mandando nada. Só tô resolvendo um bagulho que precisa ser resolvido.

Rocha se inclinou pra frente, os olhos afiados.

— Resolve na tua quebrada então, porque aqui tu não tem mais voz.

Ferreira ficou em silêncio, mas Dêdê explodiu.

— Qual foi, Rocha?! Tu sabe que essa música é minha!

Rocha ergueu a mão, mandando ele calar a boca.

— Aqui ninguém tá falando de música. Tô falando de respeito. E o Ferreira, com todo respeito, perdeu essa moral faz tempo.

Ferreira trincou o maxilar, mas não demonstrou nada.

Rocha pegou o celular e começou a digitar.

— Se tem treta, quem resolve não é tu. Quem resolve é os irmão da Final.

Ferreira gelou na hora.

— Não precisa disso. O bagulho é entre nós.

Rocha sorriu de canto.

— Não é tu que decide.

O telefone tocou três vezes antes da voz grave do outro lado atender.

— Salve.

Rocha se ajeitou na cadeira.

— Salve, irmão. Tô com uma fita aqui. Um bagulho que eu achei que já tava resolvido.

— Fala.

Rocha olhou direto pra Ferreira.

— O Ferreira tá aqui, conduzindo ideia como se ainda fosse irmão.

O silêncio do outro lado durou um segundo a mais do que devia.

— É memo?

Rocha sorriu.

— É. Chegou aqui querendo dar ordem.

A voz do outro lado riu, mas era uma risada seca, sem humor.

— Tá querendo entrar no BO de novo, irmão? Ameaçando meu afilhado sem procedência?

Ferreira sentiu o estômago afundar. Ele já sabia onde aquilo ia dar.

— Não tô ameaçando ninguém.

— Mas tá conduzindo ideia na casa dos outro. Que que eu faço com isso?

Rocha se recostou na cadeira, satisfeito.

Ferreira fechou os olhos por um segundo e respirou fundo.

— Isso aqui não tem nada a ver com facção. É um bagulho pessoal. O moleque foi roubado, só isso.

O silêncio veio pesado.

— Se é pessoal, resolve pessoal. Mas se botou o pé de novo, então nós precisa entender o que cê quer.

Rocha riu baixo, saboreando o momento.

— Eu já entendi.

Ferreira olhou pra Dêdê. O moleque parecia tenso, sem entender metade da merda em que tinham acabado de entrar.

A voz do outro lado do telefone voltou, cortante.

— E então, Ferreira? Cê voltou ou não?

Ferreira olhou pra Rocha, depois pra Dêdê, e então escolheu cada palavra com cuidado.

— Eu não voltei pra porra nenhuma. Mas também não vou deixar desrespeitarem o moleque.

O silêncio veio de novo.

Então a voz no telefone soltou um suspiro.

— Entendi. Então resolve essa fita rápido. Porque se eu ouvir que cê tá metendo a mão onde não deve, nós vai ter que conversar de outro jeito.

Rocha sorriu.

— Fechou, irmão. Tamo junto.

O telefone desligou.

A sala ficou em silêncio.

Rocha olhou pra Ferreira com um meio sorriso.

— Parece que tu ainda mexe com os cara, né?

Ferreira não respondeu. Apenas virou as costas e puxou Dêdê pelo braço.

— Vamo embora.

Dêdê ainda tava confuso, mas Ferreira não disse mais nada até saírem dali. Ele sabia que essa história ainda não tinha acabado.